



Ano I Nº 255  
10 Outubro 2007

### Índice

USW x Gerdau : solidariedade foi decisiva para a vitória	01
Greve na Mercedes Benz da Espanha	02
Vitoriosa a greve dos Trabalhadores da Chrysler	02
Poucos economistas previram o custo da guerra no Iraque	03

## INTERNACIONAL

### USW x Gerdau : solidariedade foi decisiva para a vitória

*Transcrevemos abaixo matéria do boletim produzido pelo USW , o sindicato dos trabalhadores siderúrgicos da América do Norte, que reconhece a importância da solidariedade global para o sucesso das negociações com a Gerdau, nos EUA.*

Foi longo o caminho para a vitória nas negociações com a Gerdau. A rodada começou em 2004 em Beaumont - Texas, quando os trabalhadores resistiram aos advogados antisindicalistas que tentaram fazer com que eles engolissem concessões.

A Gerdau lançou um ataque total contra esses membros do Local 8586 em 2005, quando fechou a fábrica por 6 meses. Os associados ao USW não se dobraram, e certamente, não quebraram. Eles resistiram ao assalto e foram reconhecidos como heróis pelos outros trabalhadores no 'chão da fábrica' da Gerdau.

O sindicalismo internacional respondeu ao ataque lançando uma campanha no âmbito da Gerdau que alcançou cada local onde a empresa tinha trabalhadores empregados. Os sindicatos do Brasil, Argentina, Chile, Colômbia, México, Peru e Espanha, bem como do Canadá e dos Estados Unidos, trabalharam juntos e foram cruciais para a vitória na luta. Realizaram-se reuniões com trabalhadores e sindicalistas.

Em diferentes países, foram realizadas manifestações nas portas de fábrica. Representantes locais do USW reuniram-se com líderes políticos importantes, especialmente no Brasil, origem da Gerdau. Entrevistas coletivas, cartazes e anúncios em jornais contaram a história da deslealdade da Gerdau com seus trabalhadores norte-americanos.

Os empregados da Gerdau em outros países entenderam que cada localidade deveria apoiar as causas justas de cada país para alcançar um progresso para todos. O exemplo mais recente ocorreu quando houve várias mortes na América do Sul. O Conselho unitário do USW distribuiu folhetos contando o que aconteceu. Os chamados por solidariedade resultaram na realização de um dia mundial, onde cada trabalhador sindicalizado da Gerdau usou uma faixa na sua própria língua exigindo um local de trabalho seguro e saudável.

A solidariedade entre os trabalhadores é forte e vai continuar para o progresso dos empregados da Gerdau em todos os países.



## Greve na Mercedes Benz da Espanha

Os trabalhadores e as trabalhadoras da Mercedes farão greve contra a decisão de fechamento da fábrica e sua transferência para fora de Barcelona.

O comitê de empresa da Mercedes Benz convocou várias jornadas de greve de 24 horas para protestar contra a decisão da direção da empresa de fechar a fábrica de Sant Andreu e transferir a produção para fora de Barcelona, terceirizando a manufatura para três diferentes provedores, conforme a empresa anunciou na semana passada.

As paralisações serão nos dias 16, 17, 18, 19, 23, 24, 25, 30 e 31 de outubro e a reclamação foi apresentada ao Departamento do trabalho do Governo da Catalunha. Não foram descartadas outras mobilizações e manifestações em defesa do emprego.



A Federação Minerometalúrgica da Catalunha das CC.OO. apóia a mobilização dos trabalhadores e trabalhadoras da Mercedes Benz. A federação recorda que o plano industrial da fábrica de Barcelona, acordado no mês de julho último, tem, base na produção de um modelo vigente até 2014 e, em consequência, a produção está garantida até àquela data. Ela considera, portanto, que a decisão da empresa não se prende a razões industriais, mas a uma operação de especulação urbanística, para a obtenção de importantes lucros da venda das instalações de Sant Andreu. (FM-CCOO, 08.10.2007)

## Vitoriosa a greve dos Trabalhadores da Chrysler

Cerca de 50 mil trabalhadores do Grupo Chrysler nos Estados Unidos iniciaram uma greve às 12h00min desta quarta-feira diante do impasse das negociações entre a empresa e o sindicato UAW (United Auto Workers) para a assinatura de um novo convênio coletivo.

A greve durou sete horas e cumpriu o seu objetivo de destravar as negociações. No início da noite os negociadores chegaram a um acordo provisório e a greve foi suspensa.

O UAW anunciou também que o acordo com a General Motors foi aprovado pelos funcionários da empresa. Após dois dias de greve, a primeira greve na GM nos EUA desde os anos 1970, a empresa e o UAW chegaram a um acordo, agora aprovado, que regerá as relações trabalhistas durante os próximos quatro anos.

Traremos mais detalhes sobre os dois acordos no próximo número.

O sindicato, normalmente, usa o acordo negociado com uma das três grandes montadoras (GM, Chrysler, Ford) como base para a negociação com as outras. Mas isso não está acontecendo nesta rodada de negociações, pois são diferentes as condições e as necessidades da Ford e da Chrysler.

A preocupação dos trabalhadores concentrava-se no fato que a Chrysler está desde maio sob controle do fundo de investimentos Cerberus, que não tem nenhuma tradição de negociação sindical. A Daimler, que vendeu suas ações para o fundo, ainda retém cerca de 20% do capital da empresa.

A Chrysler é a montadora americana que paga o salário mais alto a seus funcionários, cerca de US\$ 75 a hora. Muitos analistas acreditam que a intenção do Cerberus seja tornar a montadora rapidamente lucrativa e a vender com grandes lucros.

Em fevereiro, a Chrysler anunciou a eliminação de 13 mil postos de trabalho, cerca de 11 mil nas linhas de produção e o restante em posições administrativas. (com material da AP e da Efe)

## Poucos economistas previram o custo da guerra no Iraque

Neste mês faz cinco anos que um economista da Universidade Yale disse algo que poucos em Washington desejavam ouvir: uma guerra no Iraque custaria quase US\$ 1,6 trilhão até 2012.

O trabalho de William Nordhaus foi desprezado pelos aliados do governo Bush, que acreditavam que os gastos não excederiam os US\$ 60 bilhões.

Mas, até o momento, o congresso dos Estados Unidos já aprovou US\$ 610 bilhões para as guerras no Iraque e no Afeganistão, e no mês passado o secretário de Defesa, Robert Gates, afirmou que o presidente Bush pedirá US\$ 42,3 bilhões adicionais durante o ano fiscal para sustentar a guerra.

O não partidário Departamento de Orçamento do Congresso anunciou em estimativas recentes que os custos totais poderão ficar entre US\$ 1 trilhão e US\$ 2 trilhões, dependendo da duração do envolvimento dos Estados Unidos no conflito e da intensidade da luta.

Tais estimativas parecem confirmar que Nordhaus estava certo o tempo todo.

"Comparado às autoridades orçamentárias da Casa Branca, não há dúvida de que é Nordhaus que tem mais credibilidade", afirma Alan Krueger, professor de economia da Universidade de Princeton.

Krueger disse que cinco anos atrás, poucos economistas contestaram o diretor do Departamento de Orçamento e Gerenciamento da Casa Branca, Mitch Daniels, quando este disse que os custos totais do conflito seriam de pouco mais de US\$ 60 bilhões.

Segundo Krueger, a maioria dos economistas acreditou que a guerra do Iraque, que teve início em março de 2003, seria semelhante à Guerra do Golfo Pérsico de 1991. Aquela guerra consistiu de uma campanha aérea e terrestre de seis semanas para expulsar os invasores iraquianos do Kuwait, e foi em grande parte financiada por outros países.

"Os economistas fracassaram na imaginação", diz Krueger. "Olhamos para a primeira Guerra do Golfo e a nossa conclusão foi de que o processo seria rápido e fácil. Não previmos o quão difícil seria a situação após a queda de Bagdá".

Por exemplo, Alan Greenspan, então presidente do Federal Reserve (Fed, o banco central dos Estados Unidos), disse ao congresso em novembro de 2002: "Eu ficaria muito surpreso se o impacto da guerra sobre a economia fosse mais do que modesto".

<b>Previsão: A Guerra do Iraque poderá custar quase Us\$ 1,6 Trilhão</b>	
Gastos militares diretos	US\$ 140 bilhões
Custos extras com ocupação e manutenção da paz	US\$ 500 bilhões
Impacto sobre os mercados de petróleo	US\$ 500 bilhões
Impacto macroeconômico	US\$ 345 bilhões
Reconstrução de infra-estrutura e construção de um novo país	US\$ 100 bilhões
Assistência humanitária	US\$ 10 bilhões
<b>Total</b>	<b>US\$ 1,595 trilhão</b>

Nordhaus conta que a maioria dos economistas manifestou ceticismo em relação ao trabalho dele, originalmente publicado pela Academia Americana de Artes e Ciências, porque não estavam acostumados a avaliar os custos de guerras.

"A minha impressão foi de que esse não era um tópico comum na área econômica em 2002", afirmou Nordhaus por e-mail. "Os estudos econômicos dos setores de defesa e guerra saíram de moda depois da Guerra do Vietnã e, especialmente, após o fim da Guerra Fria. Como não se dedicavam a avaliar os custos de guerras, muitos economistas e formuladores de políticas acharam que as minhas estimativas estavam 'no espaço sideral', conforme me disse à época um economista do Departamento do Tesouro", diz Nordhaus.

No seu trabalho ele observou que em 1966 o Pentágono subestimou o custo total da Guerra do Vietnã em 90%. Nordhaus atuou no Conselho de Assessores Econômicos do presidente Carter nos anos que se seguiram à Guerra do Vietnã. As estimativas dele incluem fatores que estão além dos gastos militares diretos, tais como os custos associados à ocupação, à reconstrução, ao auxílio humanitário e ao aumento dos preços do petróleo.

Uma avaliação ainda mais polêmica veio à tona em janeiro de 2006, quando Linda Bilmes, pesquisadora de finanças públicas da Universidade Harvard, e Joseph Stiglitz, economista ganhador do Prêmio Nobel e ex-assessor do governo Clinton, calcularam que o custo total da guerra seria superior a US\$ 2 trilhões.

A projeção dos dois incluiu todos os custos orçamentários diretos, bem como os prejuízos associados ao impacto econômico causado pelas perdas de vidas norte-americanas, os empregos interrompidos e o aumento dos preços do petróleo. Eles também incluíram alguns custos indiretos, como o impacto econômico do gasto de dinheiro no Iraque, em vez de nos Estados Unidos.

Bilmes afirmou que a maior parte dos economistas não foi capaz de avaliar corretamente os custos da guerra por duas razões. Primeiro, a maioria dos que faziam tais projeções eram funcionários da Casa Branca.

"A história demonstra que, de maneira geral, as pessoas mais otimistas com relação à guerra acreditam que as melhores projeções são aquelas que prevêem uma curta duração e um custo reduzido", diz ela.

"O segundo motivo foi a falta de transparência da forma como o governo mantém os seus registros, especialmente no que diz respeito à defesa", afirma Bilmes. "Por exemplo, os cálculos do governo relativos à Guerra do Golfo de 1991 não levam em conta o custo contínuo dos tratamentos médicos extensos e das indenizações por invalidez pagas aos soldados feridos. Atualmente esses custos são de cerca de US\$ 4 bilhões anuais".

"Se estivéssemos utilizando contabilidade de exercício, saberíamos mais a respeito dos verdadeiros custos da Guerra do Golfo, e teríamos sido mais realistas em relação aos custos de uma guerra no Iraque", garante a pesquisadora.

Mas os defensores da guerra alegam que os gastos precisam ser vistos sob determinada perspectiva: a produção econômica anual dos Estados Unidos é superior a US\$ 13 trilhões. Assim, segundo eles, mesmo se a guerra custar US\$ 1 trilhão em dez anos, isso significa menos de 1% da produção econômica anual dos Estados Unidos - uma proporção bem inferior ao que se gastou em grandes conflitos como a Segunda Guerra Mundial, a Guerra Civil ou mesmo a Guerra do Vietnã.

E, de acordo com Gary Becker, economista da Universidade de Chicago e pesquisador da conservadora Hoover Institution, os contribuintes precisam também levar em consideração o que o país teria gasto caso não tivesse feito a guerra. Por exemplo, a manutenção de tropas na região do Golfo Pérsico para conter o Iraque poderia representar um gasto de centenas de bilhões de dólares durante anos.

Becker concorda que a guerra provavelmente custará pelo menos US\$ 1 trilhão. "Obviamente, isto é bastante dinheiro, mas o que estava em jogo também era algo de grande dimensão", argumenta ele. "É necessário considerar o que teria acontecido caso Saddam Hussein tivesse permanecido no poder e um dia adquirisse armas de destruição em massa".

\*O economista William Nordhaus diz que a sua estimativa se baseia em uma "guerra prolongada, travada em condições desfavoráveis". Nordhaus afirmou que uma "guerra prolongada" seria um conflito que durasse mais de oito meses. E quando mencionou "condições desfavoráveis", ele se referia a uma resistência militar e política persistente à ocupação norte-americana, aos graves danos à infra-estrutura petrolífera do Iraque e aos elevados custos da construção de um novo país, entre outros fatores. (*Marilyn Geewax, em Washington*) (Tradução: UOL) (Cox Newspapers, 08.10.2007)